

O CAMPO DE CONFLITO ENTRE PAULO HONÓRIO E MADALENA: GÊNERO E POLÍTICA EM SÃO BERNARDO

Caroline de Assis Campos Pinagé¹
Catarina Lemes Pereira²
Larissa Giovanna da Silva Leite³
Raissa Floriano Batista⁴
Kigenes Simas⁵

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo analisar a obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, a partir de elementos alegóricos que simbolizam a oposição política, direita e esquerda. Tais forças serão interpretadas como representações de gênero, marcadas, no romance, pelos pares Paulo Honório e Madalena. Como referencial para embasar a teoria política foi utilizado o pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels, com a obra *Manifesto do Partido Comunista* (2009). Na fundamentação da oposição de gênero, segundo seus espaços ideológicos e políticos, a pesquisa teve como base os estudos de Rosiska Darcy de Oliveira, com o artigo *Elogio da diferença: o feminino emergente* (2012), bem como de Roswitha Scholz, *O sexo do capitalismo* (2000). Ainda foram utilizadas as teorias literárias de Antonio Candido, *Literatura e Sociedade* (2006), Eunaldo Verdi, *Graciliano e a Crítica Literária* (1999) e João Adolpho Hansem, com *Alegoria - construção e interpretação da metáfora* (2007), este para embasar a teoria alegórica. Assim, busca-se compreender os mecanismos utilizados pelo autor para evidenciar as problemáticas vigentes no país, na década de 30, período de publicação da obra, assim como buscar o campo harmônico entre os elementos dispostos ao longo da narrativa.

Palavras-chave: São Bernardo; Gênero; Política; Alegoria; Graciliano Ramos.

ABSTRACT:

This article intends to analyze the book *São Bernardo* of Graciliano Ramos, from the allegoric elements which symbolizes the politics opposition, left and right. Those forces will be interpreted like genders representations, performed, in the romance, by the pair Honório e Madalena. As a referential to serve like base to the politic theory here constructed it was used Karl Marx and Friedrich Engels in the book *Manifesto do Partido Comunista* (2009). In the fundamentation of the gender opposition accord to political spaces this research used the theories of Rosiska Darcy de Oliveira, in the book *Elogio da diferença: o feminino emergente* (2012), just as Roswitha Scholz, *O sexo do capitalismo* (2000). Besides, were still used the theory of literature funded by Antonio Candido, *Literatura e Sociedade* (2006), Eunaldo Verdi, *Graciliano e a Crítica Literária* (1999) and João Adolpho Hansem, with *Alegoria - construção e interpretação da metáfora* (2007), this one to serve like bases to allegoric theory. Therefore, intends to understand the mechanisms used by the author to bring in to evidence the problems faced by the country in the decade of 1930, period of publishing of the book, just as intends to reach the harmonic field of the elements putted in the romance.

Key-Words: São Bernardo; Gender; Politics; Allegories; Graciliano Ramos.

¹ Graduada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas -UFAM

² Graduanda em Letras – Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas -UFAM

³ Graduada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas -UFAM

⁴ Graduanda em Letras – Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas -UFAM

⁵ Doutorando e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense.

INTRODUÇÃO

A organização histórica da humanidade em sistemas econômicos determinados por ideologias políticas é afetada por outras oposições pouco analisadas ou levadas em consideração nos estudos que tentam dar conta da lógica do funcionamento e das conseqüentes contradições envolvidas nos sistemas que historicamente acompanharam a humanidade. Essa oposição, ainda bastante conflituosa, e muitas vezes negada, é a oposição histórica e ideológica dos gêneros.

A participação diferenciada na construção da sociedade entre homens e mulheres deve direcionar os estudos sociológicos a partir da análise desses papéis e dos locais que historicamente eles ocupam. Seguindo a tese de *Rosiska Darcy de Oliveira* no livro *Elogio da diferença: o feminino emergente*, o presente artigo relaciona os papéis políticos desempenhados pelos personagens Paulo Honório e Madalena, de acordo com seus respectivos gêneros os quais são definidos pela oposição público/privado.

Tal oposição, referente aos espaços ocupados pelo feminino e masculino, traz em si valores que podem ser analisados como correspondentes ou representantes, ideologicamente, dos valores congregados em diferentes sistemas políticos.

Publicado em 1934, São Bernardo é a priori um romance de confissão. A obra está entre o que de melhor o autor produziu, pois o plano da história é na verdade ponte para discussões muito maiores, em um uso constante de elementos alegóricos que desnudam a própria condição social do País num embate entre o toldo da memória do autor e o talento indiscutível para a criação ficcional. Segundo Hansen: “pensada como dispositivo retórico para a expressão, a alegoria faz parte de um conjunto de preceitos técnicos que regulamentam as ocasiões em que o discurso pode ser ornamentado. (HANSEN, 2007, p. 9).

1. ALEGORIA EM SÃO BERNARDO

Como sabemos no campo da alegoria os personagens ganham um formato arquétipo como figuras já solidificadas no meio. Na sociedade brasileira da década de 30 os principais personagens que conduziam a história desse País, são representados em São Bernardo, de forma a denunciar mazelas regionais refletindo em uma esfera nacional.

A primeira alegoria que se faz presente é a própria fazenda São Bernardo, espaço onde se desenrola o núcleo da trama. São Bernardo constitui-se no espaço do desejo, busca que justifica os atos e molda o caráter do protagonista. É em São Bernardo também que ele sucumbe, transfigurando esse espaço de desejo num espaço de fracasso, marcando o primeiro duelo da história – ponte para tantos outros conflitos.

Paulo Honório e Madalena, como já fora dito, representam as forças políticas em constante atrito, num embate que tem por fim evidenciar as dimensões essenciais de cada um. Se de um lado temos a representação opressora do capitalismo, de outro temos a exposição humanista da esquerda, que busca igualdade de direitos, justiça para todos. Esse embate é cerne de toda a narrativa, uma vez que demonstra o descaso das políticas atuantes no nordeste na década de 30 além de reafirmar o posicionamento esquerdista do autor.

Paulo Honório, no entanto, é a chave da compreensão da alegoria, pois carrega em si todos os mecanismos inseridos no sistema que representa e cada ato seu é direcionado de forma a elucidar seu posicionamento.

Uma figura bastante interessante no texto como instrumento alegórico é a escola rural, montada por Paulo Honório cuja função principal não é a de educar, mas sim formar eleitores para eleger os candidatos do partido do qual era membro, fortalecendo-o como coronel. A escola nesse plano representa uma atitude corrente do capitalismo que é a de sustentar fachadas sociais para figurar como uma benfeitoria, quando na verdade todo investimento neste projeto é medido pelo custo benefício que ele irá trazer. O capitalismo nesse sentido é articulado como um sistema que propicia à classe “operária” o aprendizado somente daquilo que lhe é fortuito saber, tomando o cuidado de não transformá-la em uma ameaça, ensinando além dos conceitos básicos e funcionais a serem aplicados diretamente naquilo que favorece o governo.

Há na obra, portanto, um sistema sócio político bem estruturado mostrando que todas as relações se dão por interesse, visando o lucro financeiro. Assim, desde o casamento arranjado às relações que sustenta ao seu redor, Paulo Honório é a matriz que sustenta o meio ao seu redor, pois é ele que detém o poder. No fim, sendo Paulo Honório um típico representante de direita e Madalena, de esquerda, pode-se inferir que ambos lutam para defender seus posicionamentos e por terem ideais bastante arraigados, jamais conseguirão conviver em harmonia com as diferenças que o sustentam. Nessa convivência forçosa, a esquerda, por exemplo, prefere se anular à ter de aceitar os desmandos do capitalismo, pois tem consciência de sua fragilidade ante o opressor, no entanto, sua retirada nesse plano,

constitui-se como um “boicote”, pois a presença de Madalena na trama reafirma em Paulo Honório o tempo todo aquilo que ele é – aquilo que representa. A renúncia pela própria vida, uma retirada repleta de significados, coloca em xeque as bases até então sólidas que se moldara por anos.

Como nada na obra é gratuito cada personagem é passível de uma leitura alegórica: Padre Silvestre representa o clero e sua força política, O advogado João Nogueira, representa as leis e Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, jornalista e representante da elite cultural. O curioso é que no início do romance onde Paulo Honório está abastado financeiramente estão todos próximos, disponíveis para ajudá-lo, no entanto, na parte final que registra o grito da revolução de 30 e a quebra de seu monopólio latifundiário, ele está sozinho.

O teórico Juarez Filho (2006) aponta que *São Bernardo* “apresenta um duplo”, ou seja, há dois sentidos para a obra existir: no primeiro, trata-se da obra ideológica para fins políticos, na qual Paulo Honório, vendo-se diante de um quadro político nacional irreversível, tentará voltar ao poder. Já no segundo, temos a “História do Brasil e seus processos de poder e dominação” contada por Graciliano, pois, ao utilizar tipos sociais (o padre, o advogado, o bacharel, o literato servil), Graciliano está fazendo alegoria histórica.

Essa alegoria histórica é bastante explícita também na relação de Paulo Honório com seu Ribeiro. Ao contar sua história, tem-se de forma clara a oposição entre um passado que ainda traz seus ecos de tradição e o progresso e sua nova linguagem. Seu Ribeiro é, pois, o exemplo claro de quem não soube acompanhar o ritmo do seu tempo, pois o seu olhar ainda é bastante conservador, ao contrário de Paulo Honório que acompanha o ritmo do tempo e busca meios de modernizar sua fazenda, pois tem consciência que esses avanços agradam o governo e mantém suas alianças bem fincadas. Sua idade, por exemplo, 70 anos não é colocada no texto por acaso, mas sim para fazer referencia a um pensamento que envelheceu e não se atualizou, por estar ainda bastante ligado à reforma da Guarda Nacional.

São Bernardo – fazenda – é então um Brasil alegorizado, pois dentro deste espaço ficcional estão representadas todas as forças políticas vigentes no País na década de 30. Nas figuras representadas, Graciliano busca demonstrar que a aliança da igreja e a educação nacional são utilizadas para fins políticos com o único propósito de manter a elite no poder.

Vendo seus negócios entrarem em crise e não podendo evitar o afastamento de suas alianças políticas, o único poder que falta a este homem é o da produção cultural, pois uma vez que a escola funciona como mero instrumento político não serve a esse propósito. A ideia de um romance nesse caso então se produz também em vista de um capital. A escrita do livro

é sua última tentativa de se manter no poder, porque não importa se trata-se de bens materiais ou culturais, a palavra de ordem no universo de Paulo Honório é tirar lucro das coisas.

2. GÊNERO E POLÍTICA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E TEÓRICA

A definição do conceito de gênero formada a partir dos estudos feministas na década de 60 do século XX se caracteriza, de maneira simplificada, por colocar gênero como uma imposição social para os papéis relativos a cada sexo. Essa definição mais profundamente trabalhada por Simone de Beauvoir no seu aclamado livro *Segundo Sexo* (1970), foi responsável por várias mudanças empreendidas pelos movimentos feministas ao longo das décadas 60, 70 e 80 do século XX.

Segundo a autora, ao analisar a reação da sociedade frente à inserção da mulher em outros âmbitos que não o particular, a mulher era tida como ser já raro, ou como ser em processo de extinção dentro da sociedade. Não que o ser do sexo feminino estivesse de fato ausente, mas que o seu papel já não estava sendo plenamente executado. Dessa forma, Simone de Beauvoir entra nos domínios das definições de gênero, ou mais explicitamente, da complexa rede de representações simbólicas que criam o ser mulher: “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade” (DE BEAUVOIR, 1970, p.8).

Assim, a expansão dessa perspectiva de gênero acompanhou e ajudou a transgressão e o deslocamento dos papéis durante as décadas que se seguiram, entretanto, levantaram outra problemática explorada por Rosiska Darcy de Oliveira, no seu livro *elogio da diferença: o feminino emergente*, a respeito da mulher já incluída nos espaços de antiga dominação masculina e os efeitos gerados a partir dessa transgressão e deslocamento espacial e ideológica do feminino. Ao contrário do que o movimento feminista em geral havia feito até então, Rosiska analisa os papéis de gênero a partir de suas atuações históricas nos espaços reservados para os mesmos e do legado da experiência cultivada nesses meios: “No feminino, assim como no masculino, o corpo é experiência histórica” (2012, p. 15) e assim conclui:

Naturalizadas, as mulheres não foram incorporadas ou tornadas significativas na cultura humana/masculina. O confinamento do sexo feminino em uma relação limitada com apenas alguns aspectos do meio ambiente, fruto da diferenciação sexual, traduziu-se em desigualdade de status e poder, tornando-se hierarquia que, por seu caráter invariante, passou a ser percebida como um dado do comportamento humano, inscrita no corpo

e por ele ditado, e que as representações mitológicas e ideológicas só fizeram confirmar. (OLIVEIRA, 2012, p. 56)

Historicamente, portanto, a atuação do feminino no campo privado, como assim define Rosiska Darcy de Oliveira, o fez próximo a valores diferenciados daqueles cultivados no campo público. Caracterizado pelo cuidado do lar, dos filhos, do preparo de alimentos, o território particular era definido por uma relação de proximidade e de igualdade com a natureza, bem como por uma maior participação do campo afetivo.

Fazendo a sua contraposição, o território público era definido, não por estar a par com natureza, mas como já havia dito Simone de Beauvoir, no já citado livro *Segundo Sexo* (1970), o masculino era caracterizado pela superação da natureza, uma vez que o mesmo não estava intrinsecamente preso à tarefa da repetição (reprodução) da vida.

O que, portanto, determina a real oposição dos espaços de gênero e suas desiguais colocações nas representações sociais e políticas, não é simplesmente a separação de tarefas ou de espaços, mas a valorização desses espaços e dessas tarefas segundo a lógica do capital. Assim, analisa a teórica feminista alemã Roswitha Scholz no seu artigo o *Sexo do Capitalismo* (2000), ao relacionar as atividades desenvolvidas por cada gênero dentro do sistema capitalista com a condição de inferioridade e subalternidade da mulher perante a imagem do homem, dono das atividades monetariamente valorizadas:

(...) a dissociação-valor significa que as actividades femininas da reprodução, bem como os sentimentos, qualidades, comportamentos etc. a elas associados (sensibilidade, emocionalidade, solicitude, por exemplo) são estruturalmente dissociados do valor, do trabalho abstracto. As actividades femininas da reprodução têm um carácter formalmente diferente em qualidade e conteúdo do carácter do trabalho abstracto; por isso também não podem ser simplesmente subsumidas no conceito de trabalho abstracto (2000, p.15).

Roswitha Scholz chega à conclusão de que não se alcança igualdade no sistema capitalista, se o ser dissociado, ou excluído, não escolher se submeter às lógicas do sistema. É a partir dessa perspectiva, portanto, que pode se analisar mais criticamente o movimento feminista que tornou a mulher apta para se inserir no espaço de dominação masculina, para realizar o mesmo papel desenvolvido pelos primeiros, sem espaço para colocações críticas ou transgressões necessárias à lógica da vida direcionada pelo capital.

Esse pensamento que dialoga a crítica de gênero à crítica profunda da lógica e dos valores cultivados pelo capitalismo, aponta para uma solução de maior transgressão do que representou o feminino no campo do masculino. A transgressão que aqui se daria em maior escala, se condicionaria por uma real emancipação humana dos valores ditados pelo capital.

É, pois, partindo da concepção de gênero segundo a oposição público/privado, e relacionando à crítica proposta por Roswitha Scholz, dos valores atribuídos a tais espaços segundo a lógica capitalista, que entramos na imagem dos personagens na construção do Romance São Bernardo.

3. PAULO HONÓRIO – DE OPRIMIDO A OPRESSOR

Paulo Honório é quem narra sua trajetória, e sendo este um ato confessional, parte-se para a análise dos fatos, comportamentos, bem como do discurso contraditório, a partir do ponto de vista do próprio narrador-protagonista. No caso deste estudo, o perfil ideológico é o que será ressaltado, a fim de compreender como o campo do embate político se constitui na trama, levando-se em consideração a análise do gênero que este personagem representa.

Logo no início do romance, Paulo Honório, ao assumir seu distanciamento do campo das letras, anuncia que o empreendimento metalinguístico, ou seja, o ato da escrita será construído a partir da divisão do trabalho. Empreendimento sim, porque este vislumbrava na fábrica das letras mais um negócio, assim como o fez com a escola e a igreja. O objetivo deste personagem está em obter capital. “A escola seria um capital. Os alicerces da igreja eram também capital” (RAMOS, 1974, p.75).

Mesmo sem o tal intelecto para as letras, Paulo Honório está consciente de suas habilidades. É um homem “versado em estatística, pecuária, agricultura, escrituração mercantil” (RAMOS, p.39). Apesar de considerar tais conhecimentos inúteis, estes se constituem suficientes para o fito principal de sua vida, apossar-se do sítio São Bernardo e fazer capital. Premeditadamente, Paulo Honório não mede esforços para atingir seu propósito, “pensava em ganhar dinheiro” e, para isso, teve que estudar “aritmética para não ser roubado além da conveniência” (RAMOS, 1974, p. 42).

O personagem, antes de se tornar proprietário de S. Bernardo, foi um trabalhador assalariado e, por isso, conheceu a vida de um empregado oprimido da base proletária. Mesmo com tal conhecimento, Paulo Honório veste a postura do opressor, pois sua visão é

essencialmente capitalista, e suas ações se justificam, por sua vez, em torno da manutenção e do crescimento do lucro. Suas atitudes são necessárias para a sustentação de uma ordem do capital e não se assentam necessariamente no polo maniqueísta, pois depende do resultado que gera para a máquina do capitalismo. Essa característica pode ser salientada facilmente no seguinte trecho da obra:

A verdade é que nunca soube quais foram meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízos; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las (RAMOS, 1974, p.70).

Marx e Engels explicam como funciona a dialética entre opressores e oprimidos. Enquanto os primeiros constituem a chamada classe dos capitalistas modernos, que tem por fim a permanência do capital visto esses serem os “proprietários dos meios de produção social e que empregam trabalho assalariado” (MARX e ENGELS, 2009, p.53), o segundo grupo compõe o proletariado, ou seja, a classe que sustenta o capital, pois não tendo o domínio dos meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver por meio do salário.

Na mesma medida em que a burguesia cresce, isto é, o capital, também se desenvolve o proletariado, a classe dos operários modernos, os quais só vivem enquanto encontram trabalho e só encontram trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital. Esses operários, obrigados a se vender dia a dia, são uma mercadoria (MARX e ENGELS, 2009, p. 61).

O que o capitalismo gera é uma inversão dos valores de relação humana. Os empregados em S. Bernardo são tratados como mercadorias, substituíveis, e mantidas a preço mínimo. Vale ressaltar que a manutenção de tal perspectiva de vida para o trabalhador está implícita ao sistema capitalista, que para oprimir precisa garantir as condições de servidão, ou seja, “a soma dos meios de subsistência necessários para manter a vida do operário como operário” (MARX e ENGELS, 2009, p. 74). A dialética aqui vista expressa-se na obra, como exemplo, no seguinte trecho, no qual a ilusão mencionada pelo protagonista, trata-se da ilusão de que cada empregado não pode ser substituído. Tal ilusão é assim alimentada, para que os trabalhadores sintam-se minimamente necessários e importantes para o que fazem:

Lá na fazenda o trabalhador mais desgraçado está convencido de que, se deixar a peroba, o serviço emperra. Eu cultivo a ilusão. E todos se interessam (RAMOS, 1974, p. 97).

O que o capitalismo propõe é a execução de serviços que mantenham o proletariado ocupado, sem o desenvolvimento do intelecto, almejando apenas o básico para a sobrevivência, bem como a manutenção da condição de rebaixamento. Pode-se entender que o personagem Paulo Honório corrobora com tais concepções em sua relação patrão – trabalhador e, com isso, perpetua o ciclo do regime capitalista com suas concepções ideológicas. “Pra que aquilo? O Governador se contentaria se a escola produzisse alguns indivíduos capazes de tirar o título de eleitor” (RAMOS, 1974, p. 141).

No caso dos empregados da fazenda S. Bernardo, a opressão ultrapassava a relação moral, quando Paulo Honório, para se afirmar enquanto opressor, chegava a extremos de violência física com os trabalhadores. O que se pretende em tal regime de opressão é obter trabalhadores obedientes e conscientes de seu lugar, ou seja, de proletariado. Por isso, Paulo Honório sentia-se compreendido pelo personagem Casimiro Lopes, seu braço direito na fazenda e seu capataz. “Calado, fiel, pau para toda a obra, era a única pessoa que me compreendia” (RAMOS, 1974, p. 155); “Não compreende nada, exprime-se mal e é crédulo como um selvagem” (RAMOS, 1974, p. 168).

4. MADALENA: POLÍTICA, GÊNERO E TRANSGRESSÃO

Paulo Honório procurava uma mulher “alta, sadia, com trinta anos e cabelos pretos” (Ramos, 2013, p.67). No entanto, na busca por uma mulher para reproduzir e gerar seu herdeiro que Paulo Honório encontra com o oposto do que imaginara: Madalena, mulher miudinha, loirinha, de olhos azuis, que sorria delicadamente com seus dentinhos, pela qual se encanta.

Entretanto, Madalena pode ser entendida como uma mulher que possui proximidade com a lógica do público em decorrência do seu grau de instrução e capacidade de conversar de igual para igual com os amigos de seu marido sobre os assuntos que até então eram restritos aos homens. No entanto, nessa proximidade com o público a personagem não absorve os valores da lógica do público, uma vez que se apresenta contra a brutalidade de seu marido com os empregados, característica típica do selvagismo capitalista, apresentada claramente no capítulo XXI, no episódio em que Paulo Honório bate em Marciano:

(Madalena) – Mas que crueldade. Para que fez aquilo?

Perdi os estribos:

(Paulo Honório) – Fiz porque achei que devia fazer aquilo. E não estou acostumado a justificar-me, está ouvindo? Era o que me faltava. Grande acontecimento, três ou quatro muxicões num cabra. (RAMOS, 2013, p. 129)

É assim que ao longo da narrativa Madalena vai se mostrando como uma ameaça para Paulo Honório a partir das peculiaridades que a constitui e que a coloca, em um só tempo, como ponto de conflito e como representante do seu papel de gênero, uma vez que

A voz feminina evoluiu da modesta ambição de se fazer simplesmente ouvir no espaço do público para, bem mais contundente e infinitamente mais subversiva, lá tentar dizer uma nova Razão, a Razão do Feminino (OLIVEIRA, 2012. P. 45).

A razão do feminino seria, então, uma lógica que agregasse os valores dissociados do particular pelo capitalismo, à ordem da sociedade. Sendo por isso, fundamentalmente oposto ao jogo de poderes determinado pelo capital e a lógica de opressão e exploração que ele encerra.

Em razão mesmo de sua alteridade, a mulher é definida como perigosa e antagonica. Em virtude dessa relação de oposição, é frequentemente associadas às forças da mudança que corroem a ordem social e a cultura estabelecida (OLIVEIRA *apud* WOOLF, 2012, p. 47)

Madalena representa essa necessária crise que se apresenta a Paulo Honório. É ela, a mulher que anteriormente ao casamento já desempenhava uma profissão e possui mais conhecimento acadêmico que o seu marido, que vai colocar em crise a ordem tão consistente promovida pelo jogo de poder do capital. Ela, a mulher que fora colocada dentro de casa por “saber onde tem as ventas” e com a finalidade de vir a dar uma boa mãe de família, após o casamento apresenta-se como a intelectual que sempre fora.

Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro, fazem conferência e conduzem o marido ou coisa que o valha. Falam bonito no palco, mas intimamente, com as cortinas cerradas, dizem:

– Me auxilia, meu bem. (RAMOS, 2013, p. 158-159)

E pior, sem religião, afinal “uma mulher sem religião poderia ser capaz de tudo” – representando assim, uma ameaça ao poder do patriarcado para Paulo Honório.

Madalena, propriamente, não era uma intelectual. Mas descuidava-se da religião, lia os telegramas estrangeiros.
E eu me retraía, murchava. (RAMOS, 2013, p. 159)

A crise de representação que atinge Paulo Honório é também a crise que atinge Madalena. Pois ela como o elemento de diferença, como o Outro, mostra-se em constante conflito com os padrões a ela apresentados. Não pode desempenhar plenamente o papel que impunha Paulo Honório, por já ser produto de uma transgressão, mas ao mesmo tempo não consegue se inserir por completo no papel de transgressora.

Assim, após o casamento, Paulo Honório enxerga o que antes não fora capaz de enxergar: Madalena é exatamente o oposto do que havia imaginado, tanto fisicamente – conforme já fora discutido aqui – quanto ideologicamente, o que se reflete na constante reprovação dos atos de Madalena pelo marido, considerados ora gastos desnecessários, ora sensibilidades de mulher. Ao dar-se conta dessa brusca diferença entre o que imaginara e o que está sob seu teto, Paulo Honório lamenta-se da sua união com Madalena:

Antes dela, a única pessoa que, na tábua da venta, me tachou de assassino foi Costa Brito, pela seção livre da *Gazeta*. Justamente quando acabava de dar-lhe o troco, tinha-me encangado a Madalena. Canga infeliz! Não era melhor que eu tivesse quebrado uma perna? Mais vale uma boa amigação que certos casamentos. (RAMOS, 2013, p. 166-167)

Entre uma e outra designação inacabada, Madalena perde as forças, perde a energia para lutar contra algo historicamente amparado por alicerces ideológicos que a punham como elemento muito inferior. Não podendo definir-se a partir do que lhe cabia, Madalena tira a própria vida, abandonando de uma só vez os papéis que se confrontavam:

Entrei apressado, atravessei o corredor do lado direito e no meu quarto dei com algumas pessoas soltando exclamações. Arredei-as e estaquei: Madalena estava na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca. Aproximei-me, tomei-lhe as mãos, duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. Parado. (RAMOS, 2013, p. 194)

5. A POSSE DE MADALENA E A INVERSÃO DE VALORES

Sempre visando o ter, Paulo Honório, após a aquisição da fazenda e o franco desenvolvimento deste capital, inicia uma nova empreitada para a negociação de um casamento. Esta instituição também é encarada pelo personagem como um projeto financeiro,

o qual foi analisado detalhadamente para, então, ser posto em prática. Sua relação com as figuras femininas sempre havia sido superficial. No entanto, como seu propósito era o de perpetuar seu patrimônio material, Paulo Honório resolveu adentrar ao campo desconhecido. É neste momento que inicia o maior embate de forças que este personagem já havia encarado.

Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar. (...) Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo (RAMOS, 2013, p. 67).

Segundo Roswitha Scholz, a sociedade é histórica e culturalmente patriarcal, não apenas na concepção limitada de Ernst Lohoff, de domínio arbitrário dos homens sobre as mulheres, mas encara que a dominação realiza-se sem sujeito, por sua própria essência. Isto quer dizer que “os depositários do domínio não são sujeitos autoconscientes, mas agem no interior de uma moldura de sociabilidade dotada de constituição historicamente inconsciente” (SCHOLZ, p. 2, 2000).

Nesse princípio masculino, as diferenças sociais entre os sexos são produto da cultura, e de como esta constitui a relação entre os pares. Na sociedade ocidental, o patriarcado é determinado pela relação do ‘trabalho abstrato’, que seria o assalariado, gerido pela indústria, em oposição ao trabalho produtivo, ou melhor, de subsistência.

Paulo Honório se apresenta como a figura do detentor do meio de produção e quem mantém a base assalariada. Seu campo de conflito inicia com a chegada de sua segunda maior posse, como enxerga sua esposa Madalena. “Se chegarmos a acordo, quem faz negócio supimpa sou eu” (RAMOS, 1974, p. 120). Madalena representa a mulher das letras, professora e integrante da base assalariada.

Com a chegada desta, Paulo Honório passa a enfrentar críticas persistentes quanto ao seu método de lidar com os empregados da fazenda S. Bernardo. Com o olhar humanizado da esposa, Paulo Honório inicia um embate de valores enraizados em sua conduta. A visão de Paulo Honório sobre o sexo feminino é extremamente patriarcal, encara-as como seres frágeis, e que devem manter-se no espaço privado, que é o que lhes impõe a sociedade capitalista. “Mulheres quase nunca se defendem” (RAMOS, 1974, p.75). “Mulheres, criaturas sensíveis, não devem meter-se em negócios de homens” (RAMOS, 1974, p. 174).

Por privado entende-se o espaço determinado pelo princípio masculino como secundário e insignificante, diante do par público, que seria o das atividades técnicas, políticas

e intelectuais executadas pelos homens (OLIVEIRA, 2012, p. 98). Logo, Paulo Honório está diante de uma figura emblemática à sua concepção, visto Madalena ser detentora de domínios intelectuais, sendo que estes estariam reservados aos homens. “Eu tinha razão para confiar em semelhante mulher? Mulher intelectual” (RAMOS, 1974, p. 166).

Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste (RAMOS, 1974, p. 133).

Madalena constitui-se enquanto elemento transformador na vida do capitalista Paulo Honório, que passa a enxergar, confusamente, as relações sociais. Seus propósitos perdem o sentido, e o embate entre homem e mulher, representantes, respectivamente, da direita e da esquerda, ganha espaço na trama conforme se observa nos trechos seguintes.

Madalena possui um excelente coração. Descobri nela manifestações de ternura que me sensibilizaram. E, como sabem, não sou homem de sensibilidades. É certo que tenho experimentado mudanças nestes dois últimos anos. Mas isto passa (RAMOS, 1974, p. 137).

As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir (RAMOS, 1974, p.133).

Agitam-me em mim sentimentos inconciliáveis: encolerizo-me e enternoço-me; bato na mesa e tenho vontade de chorar (RAMOS, 1974, p. 135).

O suicídio de Madalena e o conseqüente declínio de Paulo Honório levam este personagem a um estado de crise que em muito pode ser relacionado à crise permanente com que se sustenta o sistema capitalista.

A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção, isto é, o conjunto das relações sociais. (...) Todas as relações sociais fixas e enferrujadas, com seu cortejo de noções e ideias antigas e veneráveis, se dissolvem; aquelas que as substituem envelhecem antes mesmo de se consolidarem (MARX e ENGELS, 2009, p. 57).

Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos. Absurdo (RAMOS, 1974, p. 135).

O que não percebo é o tique-taque do relógio. Que horas são? Não posso ver o mostrador assim às escuras. Quando me sentei aqui, ouviam-se as pancadas do pendulo, ouviam-se muito bem. Seria conveniente dar corda ao relógio, **mas não consigo mexer-me** (RAMOS, 1974, p. 136, grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da narrativa, nos são apresentadas características desses personagens que nos permite perceber essas alegorias construídas por Graciliano, de modo que Paulo Honório, representante da direita, apresenta características da lógica do público, como a brutalidade e estrategismo, e Madalena, sua esposa, apresenta atitudes da lógica do privado, em geral atribuída às mulheres. No entanto, a personagem Madalena, por meio de suas ações, ultrapassa a barreira do privado, ameaçando o poder do patriarcado representado por Paulo Honório na obra. Este percebe-se dentro de um casamento completamente diferente do que imaginara com uma mulher exatamente do jeito que ele mais temia, “um bicho esquisito, difícil de governar” (RAMOS, 2013, p.67).

Madalena vê-se ao longo dos anos cada vez mais oprimida e comete o suicídio que é o fator causador do processo de mudança – que apenas está iniciando-se – de Paulo Honório. Após a morte de Madalena, Paulo Honório entra em um processo de reavaliação de suas atitudes, sente-se culpado pela morte de sua esposa e utiliza a escrita como metáfora para amenizar a culpa e, ao mesmo tempo, rever a história e perceber suas falhas ao longo dela. Dessa forma, a personagem Madalena pode ser enxergada como o instrumento utilizado pelo autor para criticar o capitalismo nos anos 30 que define a oposição política tão explícita na obra. Ela é o elemento desencadeador da crise dos jogos de poder propostos pelo capital, representado na figura de Paulo Honório.

Paulo Honório e Madalena, personagens do romance São Bernardo de Graciliano Ramos, constituem ambos então, uma alegoria ao conflito existente, não somente entre lados políticos opostos, mas na relação entre a lógica das oposições particular/público. Tal oposição que acaba por caracterizar a separação dos gêneros nos induz a um olhar mais crítico e amplo a respeito da constituição política e social como um todo. A exclusão dessa perspectiva ao longo da história, só prova o quanto a relação desigual entre os gêneros não é considerada em sua complexidade e nos aspectos que afetam diretamente toda a cadeia de padrões da sociedade.

Além disso, não considerar a constituição dos gêneros e seus locais de atuação, bem como os valores atribuídos a tais configurações espaciais e ideológicas, contribui para projetos de sociedade e alternativas de mudança contraditórias em sua essência.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006.

DE BEAUVOIR, Simone. **Segundo Sexo**, Difusão Europeia do Livro, São Paulo: 1970.

HANSEM, JOÃO ADOLFO. **Alegoria - construção e interpretação da metáfora**. Ed. Hedra.: 2007.

LAFETÁ, João Luiz. **O mundo à Revelia em Ramos, Graciliano, São Bernardo**, 34a. ed. São Paulo, Editora Record, 1978.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Editora Escala, 2009.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. São Paulo: Martins, 1974.

_____. **São Bernardo**. 95ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ROCHA, Helton Menézio. **Latifúndio e escola rural em s. Bernardo: o processo alegórico na construção dos discursos**.

Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/art_hmrocha.php>.

Acessado em: fevereiro de 2014.

SCHOLZ, Roswitha. **O valor é o homem**.

Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/rst1.htm> >. Acessado em março de 2014.

SCHOLZ, Roswitha. **O Sexo do Capitalismo**. Ano: 2000. < Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/roswitha-scholz6.htm>> Acessado em: março de 2014.

VERDI, Eunaldo. **Graciliano Ramos e a crítica literária**. Florianópolis: Ed. UFSSC, 1999.